



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA
CURSO DE LETRAS**

LITERATURA DE CORDEL: INFORMAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

FRANCIMAR BRAZ DE ARAÚJO

CAMPINA GRANDE

2014

LITERATURA DE CORDEL: INFORMAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

FRANCIMAR BRAZ DE ARAÚJO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de graduado em Letras- Português.

Orientadora: Prof.^a Ms. Cléa Gurjão Carneiro.

CAMPINA GRANDE

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663I Araújo, Francimar Braz de.
Literatura de cordel [manuscrito] : informação e conscientização / Francimar Braz de Araújo. - 2014.
22 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Cléa Gurjão Carneiro, Departamento
de Letras".

1. Literatura de cordel. 2. Conscientização ambiental. 3.
Meio ambiente. I. Título.

21. ed. CDD 398.5

LITERATURA DE CORDEL: INFORMAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

FRANCIMAR BRAZ DE ARAÚJO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de graduado em Letras-Português.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Cléa Gurjão Carneiro.

BANCA EXAMINADORA

Cléa Gurjão Carneiro NOTA 9,0

Prof^ª. Ms. Cléa Gurjão Carneiro.

Ranieri Machado Bezerra de Melo NOTA 9,0

Prof^ºMs. Ranieri Machado Bezerra de Melo

Francisca Eduardo Pinheiro NOTA 9,0

Prof^ªMs. Francisca Eduardo Pinheiro

Trabalho aprovado em 04 / 12 / 2014

Média 9,0

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	06
2.1	Histórico do Cordel	06
2.2	O Cordel no Brasil e no Estado da Paraíba	09
2.3	Manoel Monteiro da Silva	12
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
4	ANÁLISE DOS DADOS	14
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
6	REFERÊNCIAS	21

LITERATURA DE CORDEL: INFORMAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

ARAÚJO, Francimar Braz de ¹

RESUMO

O trabalho proposto está centrado em um cunho analítico, cujo objeto de estudo refere-se fundamentalmente à literatura de cordel, a qual pode ser considerada um poderoso meio de comunicação, informação e de conscientização, visto que no passado, de certa forma, ela chegava a ter mais aceitação do que o próprio jornal impresso. A este trabalho serão fomentados dados históricos que concomitantemente darão respaldo à pesquisa. O embasamento teórico está fundamentado em autores a exemplo de Galvão 2001, Kunz, 2001, Meira 1998, entre outros e na obra de cordel do poeta Manoel Monteiro, *Salvem a Fauna! Salvem a Flora! Salvem as águas do Brasil!* No qual o autor busca a conscientização mediante o problema da destruição do planeta pela ação do homem. A obra em si busca valer-se de um viés informativo pessoal, social e didático.

Palavras chave: Literatura de Cordel. Conscientização. Meio ambiente.

1 INTRODUÇÃO

A preocupação com as questões ambientais, que é a tônica do mundo atual devido aos graves problemas que o homem vem causando a natureza. O momento atual é de tomarmos consciência na dinâmica e mudança na paisagem natural.

Nesse sentido, a questão ambiental vem despertando a mente das pessoas sejam artistas, intelectuais, políticos, empresários, professores, estudantes e poetas populares.

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba.

Essa preocupação com a preservação do meio ambiente chegou à literatura de cordel através da rima e da poesia dos cordelistas e poetas surgidos do seio do povo. Muitos livretos de literatura de cordel vêm buscando alertar as pessoas para o risco que corremos em não preservarmos a natureza, o meio onde vivemos.

Na pesquisa exploratória buscamos encontrar um elo comunicativo e informativo que dos cordelistas na defesa do meio ambiente. Para este trabalho foi pesquisado o folheto do cordelista Manuel Monteiro *Salvem a Fauna! Salvem a Flora! Salvem as águas do Brasil!* que versa sobre temas relacionados a destruição do meio ambiente pela ação do homem. Os instrumentos de nossa pesquisa foram à observação e a análise que possibilitaram chegarmos às conclusões que apresentamos no decorrer do artigo.

A contribuição acadêmica deste artigo, portanto, é no sentido de mostrar a Literatura de cordel nos poemas de Manoel Monteiro como viés e informativo e conscientizador, com o objetivo de mostrar a população de que todos precisam preservar o meio ambiente para o nosso bem, hoje e para as gerações futuras.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Histórico do Cordel

O cordel é um gênero de poesia popular que nasce na oralidade, isto é, nasce para ser declamado. É, em geral, nas feiras populares que o cordelista pega a viola e inicia a cantoria de seus versos. Pura estratégia de *marketing*. Quando ele percebe que os ouvintes querem conhecer o final da história, ele oferece o folheto impresso para compra.

A literatura de cordel é produção típica do Nordeste brasileiro, sobretudo nos estados de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará, onde os consumidores se referiam a essa literatura como: 'literatura de folhetos' ou simplesmente 'folhetos' [...] A expressão 'literatura de cordel nordestina' passa a ser empregada pelos estudiosos a partir de 1970. (ABREU, 1999, p. 17)

Originados na literatura portuguesa, no Brasil os primeiros folhetos foram publicados no final do século XIX, de maneira artesanal e acabaram se tornando populares em razão da sintonia entre autores e leitores, como explica o cordelista

Rodolfo Cavalcanti “o povo sabe pelo rádio ou por ouvir dizer os acontecimentos mais importantes da sociedade, mas só acredita quando sai no folheto... se o folheto confirma, aconteceu.” Como viajavam por todos os lugares, até os mais ermos, divulgando e vendendo sua produção, os cordelistas tornavam-se importante fonte de informação para as pessoas que viviam no interior, onde nem mesmo o rádio era muito difundido.

Assim, o folheto de cordel ganhou a forte função social de informar a população. E, ainda que hoje a TV, a internet, o rádio, sejam tão acessíveis, essa função se mantém, e vemos que muitos folhetos continuam tratando de temas que são notícias: fatos políticos, do mundo artístico, esportivo, etc. Também são comuns no Cordel: a saga de heróis, a vida de santos, acontecimentos fantásticos e maravilhosos, fatos cômicos, satíricos e picarescos, o cotidiano do povo nordestino, o amor e a felicidade.

Segundo Pinheiro (2001) os folhetos costumavam ser vendidos em mercados e feiras pelos próprios autores numa aproximação do que acontecia em terras portuguesas. O hábito de pendurar os livretos em cordas continuou nas feiras do Nordeste, onde, ao mesmo tempo em que os folhetos eram vendidos, os versos eram declamados. Os autores, ou cordelistas, recitam esses versos de forma melodiosa e cadenciada, acompanhados de viola, como também fazem leituras ou declamações muito empolgadas e animadas para conquistar os possíveis compradores. Para reunir os expoentes deste gênero literário típico do Brasil, foi fundada em 1988 a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, com sede no Rio de Janeiro.

Carlos Drummond de Andrade, reconhecido como um dos maiores poetas brasileiros do século XX, assim definiu essa modalidade poética:

A poesia de cordel é uma das manifestações mais puras do espírito inventivo, do senso de humor e da capacidade crítica do povo brasileiro, em suas camadas modestas do interior. O poeta cordelista exprime com felicidade aquilo que seus companheiros de vida e de classe econômica sentem realmente. A espontaneidade e graça dessas criações fazem com que o leitor urbano, mais sofisticado, lhes dedique interesse, despertando ainda a pesquisa e análise de eruditos universitários. É esta, pois, uma poesia de confraternização social que alcança uma grande área de sensibilidade.

Identificada a partir da concepção e do pressuposto comum no qual podemos considerá-la como sendo uma “literatura informativa de fácil acesso”, mesmo apresentando, de forma alegórica, temas sérios do cotidiano do interior nordestino e outrora de outras localidades, a poesia de cordel tem as suas origens bastante remotas, provenientes em parte, da Europa Medieval dos séculos XI e XII. O seu vínculo com a comunicação sempre foi algo inerente e participativo, uma vez que esse tipo de poesia era eminentemente oral na sua origem, falada ou cantada ao longo do tempo por trovadores e repentistas.

“As origens da literatura de cordel estão na Europa Medieval. Têm suas bases na F(Provença), do século XI e posteriormente na Espanha, Portugal, Itália, Alemanha, Holanda e Inglaterra. Chegou ao Brasil Colônia com os navegadores portugueses, depois incorporou a poética nativa do índio, a criatividade e o ritmo da poesia do negro, dos vaqueiros e tropeiros (o aboio). Tornou-se um ritmo sertanejo-tropical, integrando-se a outros ritmos como o baião, o xote, o xaxado e o forró. Ganhou uma característica especial com o advento da xilogravura, na ilustração de capas de milhares de folhetos”.

(<<http://www.gustavodourado.com.br/CordeldosertaonordestinoacontemporaneidadedaInternet.htm>>. Acesso em: 08/11/2014).

A poesia de cordel é de fato muito antiga, já temos alguns registros inclusive nos escritos de Camões, como também em Gil Vicente, Cervantes e outros. No Brasil, teve início com a vinda dos portugueses durante a colonização. E no Nordeste brasileiro ganhou um espaço considerável, sobretudo até metade do século XX, consagrando-se em definitivo como sinônimo de poesia popular, além de ser um meio de informar e inteirar as pessoas de um jeito muito mais simples, por possuir fácil compreensão e conseguir levar suas histórias a diversos lugares.

Durante séculos a poesia de cordel permaneceu na sua composição estritamente oral, uma tradição que era repassada entre as contínuas gerações, onde alguma coisa podia ser encontrada, ainda que raramente, na sua forma manuscrita. Aquele que sabia ler e escrever podia ser o próprio cordelista, recitando o texto em voz alta em feiras e praças públicas para vender os seus folhetos. Só bem mais tarde, com o aparecimento de pequenas tipografias, já no final do século XIX, o cordel ganha realmente impulso e se fixa no Nordeste brasileiro, onde assume o status de cultura regional.

De acordo com Kunz (2001, p. 79-80), “o folheto de cordel é uma representação impressa da poesia popular, a qual se reflete na maneira como os

poetas do povo enxergam a realidade”. Sendo assim, o cordel nunca deixou de ser uma mídia alternativa e popular, de forte conteúdo informativo e opinativo. Por outro lado, embora seja impressa e veiculada pelo folheto, a poesia de cordel será sempre uma forma de literatura oral feita para ser recitada, pois a sua rima é feita para o ouvido e a memória, não necessariamente para os olhos.

“Sabe-se que, embora impresso e veiculado pelo folheto, o cordel é uma forma de literatura oral feita expressamente para ser recitada. A rima do cordel é feita para o ouvido e a memória, não para os olhos. Ela é, antes de tudo, mnemônica e comunicativa. O folheto é apenas o suporte material de uma poesia que permanece oral”. (KUNZ, 2001, p. 79-80).

Com o passar do tempo, o folheto de cordel tornou-se uma forte manifestação da comunicação popular do Nordeste e ainda um grande incentivo à educação, contribuindo na alfabetização de jovens e adultos. A poesia de cordel passou a ser, então, uma espécie de jornal popular escrito poeticamente, bem como uma ferramenta de uso didático aplicada nas escolas de ensino básico. E na medida em que os imigrantes nordestinos se espalharam pelos quatro cantos do país, durante décadas a fio, a poesia de cordel influenciou e também foi influenciada pelos costumes e tradições de outras regiões do país.

A poesia de cordel ganhou notoriedade ainda por meio do estudo, pesquisa e divulgação de pessoas interessadas em propagar essa arte tão simplória e, com efeito, o resultado direto das manifestações da cultura popular. Renomados criadores das artes, da música e da literatura brasileira, como o escritor paraibano e imortal da Academia Brasileira de Letras, ARIANO SUASSUNA, deixou-se influenciar pelos traçados e rimas simples de um folheto de cordel, abraçando-o e definindo-o como embasamento para algumas de suas determinadas criações.

2.2 O cordel no Brasil e no Estado da Paraíba

Parte integrante da cultura popular nordestina, onde a Paraíba se destaca com grande relevância, a poesia de cordel já faz parte da identidade cultural e comunicativa do nosso estado, atravessando várias gerações com suas histórias quase sempre fantasiosas e tradicionalmente folclóricas.

Segundo Pinheiro (2012, p. 48):

A literatura de cordel foi por muito tempo o jornal do povo nordestino, pois nem todos tinham condições de adquirir jornais e revistas, por isso, o folheto de cordel se tornou um meio de comunicação muito popular entre as pessoas. Não é à toa que muitas delas foram alfabetizadas através dessa literatura.

Alguns pesquisadores afirmam que o primeiro folheto de cordel brasileiro, na forma que se tornou convencional, foi publicado na Paraíba, em 1893, por Leandro Gomes de Barros. Mas este dado gera certa controvérsia, uma vez que se acredita terem existido publicações anteriores, das quais não se conservaram exemplares. O paraibano Leandro Gomes de Barros foi um dos poetas cordelistas mais conhecidos, havendo escrito aproximadamente 240 obras.

Já de acordo com o escritor e cordelista Dourado (<<http://www.gustavodourado.com.br/Cordeldosertaonordestinoacontemporaneidade daInternet.htm>>>. Acesso em: 08/05/2013, 16h40min50seg.), o primeiro folheto de cordel reconhecidamente publicado no Brasil é *Saudades do Sertão*, datado do ano de 1902. Impresso na cidade de Campina Grande - PB, é de autoria de Francisco das Chagas Batista, e encontra-se catalogado na casa de Rui Barbosa - no Rio de Janeiro, onde se situa a ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel). Fundada em 1988, a ABLC está localizada no bairro de Santa Teresa, à cerca de 500 metros do Largo do Guimarães.

Em Campina Grande, fica evidente o prestígio desse gênero literário, tanto que existe um espaço exclusivo para a conservação dos folhetos, a Biblioteca Átila Almeida. Instalada no Campus I da Universidade Estadual da Paraíba, essa biblioteca dispõe atualmente de uma valiosa coleção de cordéis, provenientes de diversos lugares da região Nordeste. Ela é considerada pelos pesquisadores do assunto como um dos maiores acervos do mundo, com mais de dez mil títulos de cordéis e 17.532 (dezesete mil, quinhentos e trinta e dois) exemplares à disposição.

Segundo Joseph Luyten (apud Dourado), a poesia de cordel já ultrapassou mais de cem mil títulos publicados somente no Brasil (este que é o maior produtor de cordéis no mundo ocidental), em cerca de mais de 20.000.00 (vinte milhões) de folhetos impressos, aproximadamente, já que algumas tiragens, segundo alguns pesquisadores, não ultrapassam 200 (duzentos) exemplares.

Via de regra, a obra intitulada *O Romance do Pavão Misterioso*, do autor *José Camelo de Melo Resende*, é o maior clássico do cordel, sendo considerado o folheto mais vendido de todos os tempos. Escrito no final da década de 1920, até hoje se conserva como atual e está sempre presente em livrarias e bancas de revistas da Paraíba e de todo o Brasil, conseqüentemente. Já tendo sido, inclusive, material aplicado em vestibulares e faculdades, públicas e privadas de todo o Nordeste, principalmente da área de Comunicação Social.

A poesia de cordel sempre teve a sua importância na área da comunicação e da cultura, e vai continuar tendo, graças a pessoas que se preocupam em propagar e manter acesa a chama dessa tradição secular. Um exemplo desta dedicação está no pensamento do cordelista MANOEL MONTEIRO, de Campina Grande, que defende a introdução do cordel nas escolas como mecanismo de educação e valorização da cultura regional.

Todavia, é importante ressaltar que vivemos em plena era digital, e a informatização já provocou uma verdadeira revolução nos meios de comunicação. Livros e revistas, por exemplo, já são agora publicados exclusivamente pela Internet, condenando a um fim muito próximo, até por comodidade, o acesso físico das pessoas às bibliotecas convencionais.

Com a rápida inovação dos meios de comunicação, e com a literatura impressa sendo cada vez mais informatizada, acaba restando, conseqüentemente, pouco espaço no mercado para algumas pequenas publicações. E também fica evidente o fato de que um número cada vez maior de escritores, cordelistas em especial, já se rende a esse novo processo de integração literária na rede mundial, procurando novas alternativas nas quais possam inserir os seus trabalhos. Há, no entanto, aqueles que acreditam que dificilmente os impressos vão desaparecer.

“Defendo os folhetos em papel e acho que eles precisam continuar existindo, tanto pela estética quanto pela cultura. Sem eles não se consegue juntar os amigos para uma leitura ou não é possível guardar de recordação para mostrar aos filhos”. (SILVA, 1998, *apud* MEIRA, 1998).

Pelo exposto acima, vemos que a literatura de cordel dificilmente desaparecerá no Nordeste. Pelo contrário, essa literatura vai se adaptando aos novos tempos, às novas tecnologias e persistirá no tempo.

2.3. Manoel Monteiro da Silva

Manoel Monteiro da Silva nasceu em Bezerros, município de Pernambuco, no dia 4 de Fevereiro de 1937, e desde meados de 1955 reside em Campina Grande, Paraíba. Radicado na Rainha da Borborema, ele é considerado hoje o cordelista de maior produção no Brasil em atividade, com uma produção anual de folhetos bastante diversificada.

Autodidata, só estudou até o ensino fundamental, não concluindo os estudos. Porém, influenciado por seu primeiro professor, Pedro Firmino, começou a escrever desde cedo, dedicando-se a fazer poesias e outras coisas. A vocação de escrever cordéis surgiu quando ainda era menino, da primeira vez em que foi à feira de Bezerros, em Pernambuco, e viu um homem vendendo folhetos de cordel, o que o fez gostar automaticamente da linguagem. Pediu então ao seu pai que comprasse um folheto para ele. A partir daí, começou a escrever seus próprios folhetos, ainda que timidamente.

Experiente na arte de escrever versos rimados e metrificados, as suas narrativas são mágicas e envolventes, prendendo o leitor do princípio ao fim. Com grande influência verbal, própria dos grandes mestres, Manoel Monteiro não abre mão da forma correta na linguagem de seus folhetos, sem que para isso perca sua essência popular. Em razão da qualidade de sua produção, a literatura de cordel vem sendo indicada para a grade escolar de várias cidades brasileiras, uma espécie de disciplina à parte no currículo dos alunos.

O poeta Manoel Monteiro, em entrevista concedida para a Cordelbrás, procurou referir-se à poesia com as seguintes palavras: *“Alguém já disse que o homem é um animal político; e eu digo que o homem é um animal poético”*. Membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel - ABLC, ele herdou do poeta Manoel Tomaz de Assis a cadeira nº 28. Com cerca de duzentos títulos publicados, Manoel Monteiro já é considerado um dos maiores poetas de cordel de todos os tempos, um dos responsáveis diretos pela inserção da literatura de cordel como ferramenta de estudo nas escolas da Paraíba, em especial, nas salas de aula em Campina Grande (PB).

Manoel Monteiro chegou aos 73 anos de idade e ainda tem muitos planos em sua vida, como realizar o mega projeto *Cordelando a Paraíba*. Uma grande idéia, digna de um mestre dos cordéis, em que ele e outros escritores pretendem recontar

a história de suas cidades. Trata-se, pois, de escolher um poeta de cada um dos 223 municípios do Estado, o qual será responsável por narrar a história de sua cidade através de versos decorridos em cordel. Um plano que nem chega a ser tão audacioso, uma vez que há muitos cordelistas profissionais e também amadores espalhados por toda a Paraíba.

Infelizmente o nosso cordelista morreu em 2012 de uma morte trágica. A ele aqui fica a nossa homenagem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esta pesquisa, foi trabalhado o folheto de cordel do poeta Manoel Monteiro, *Salvem a Fauna! Salvem a Flora! Salvem as águas do Brasil!*, analisando o que o autor procura veicular em seus textos versificados. A realidade que se apresenta no momento da publicação, que é a de destruição do nosso planeta e agravado pela crise da falta de águas, problema que assola o Brasil inteiro. O poeta em campanha de informação e conscientização chama a atenção da população para um problema que é de todos.

Assim, esta pesquisa teve como viés metodológico analítico os recursos verbais próprios da literatura de cordel, por ser esta o meio mais adequado aos propósitos da pesquisa e a melhor ao discutir particularidades, relevando práticas cotidianas, sociais, ambientais e culturais.

Sendo o cordel uma forma de expressão e de manifestação de cunho ideológico, onde as idéias do poeta soam de forma espontânea, foi empregado, neste trabalho, trechos da obra que serviram como subsídios textuais para promover uma campanha voltada para a informação e conscientização sobre Para esta pesquisa, foi trabalhado o folheto de cordel do poeta Manoel Monteiro, *Salvem a Fauna! Salvem a Flora!* Analisando o que o autor procura veicular em seus textos versificados. A realidade que se apresenta no momento da publicação, que é a escassez de água no nosso planeta, fora transformada pelo poeta em campanha de conscientização, onde ele chama atenção da população para um problema que é de todos.

Assim, esta pesquisa teve como viés metodológico analítico os recursos verbais próprios da literatura de cordel, por ser este o meio mais adequado aos

propósitos da pesquisa e a melhor ao discutir particularidades, relevando práticas cotidianas e culturais.

Sendo o cordel uma forma de expressão e de manifestação de cunho ideológico, onde as idéias do poeta soam de forma espontânea, entretanto, foi empregado neste trabalho trechos da obra que serviram como subsídios textuais para promover uma campanha voltada para conscientização sobre o problema da destruição do meio ambiente.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Análise geral do cordel

Ao fazer a análise temática do cordel, *Salvem a Fauna! Salvem a Flora! Salvem as Águas do Brasil*, observa-se que o autor Manoel Monteiro mostra através das estrofes o conhecimento do assunto e os seus problemas atuais e futuros, como também a sua preocupação com o meio ambiente e principalmente o cuidado com os recursos hídricos, onde os rios e suas nascentes, os lagos, os mares, se não tiverem uma política de proteção e recuperação, poderão no futuro tornarem-se escassos e gerar uma crise de abastecimento de água potável para a sociedade. Além da fauna e da flora que está em extinção.

A capa do folheto é bastante sugestiva e antecipa a leitura: O título em letras grandes e escuras já chama a atenção do leitor, os desenhos retratam a devastação provocada pelo homem. Nesse cenário aparece com um animal sobre uma árvore sem folhas, plantas típicas da caatinga que estão em extinção. Percebe-se que o autor, com essas imagens, procura causar impacto no leitor para que ele leia o folheto com mais atenção.

O folheto aborda os seguintes assuntos: Poluição em geral (ar, mar e terra)/ Aumento de *temperatura*/ Fotossíntese/ Desmatamento/ Uso do solo/ Queimadas/ Produtos feito pela madeira/ Arvores e bichos típicos da região/ Caça e pesca predatória/ O que diz a Constituição sobre o meio ambiente/ Extinção/ Industrialização/ Tráfico de madeira.

A atuação do cordelista nesse contexto é bastante expressiva, com seu folheto trazendo temas que se preocupam com a vida e o bem estar do povo. O cordel é de vital importância para estimular as crianças, jovens e adultos a dar-se

conta que podem contribuir para a melhoria do meio ambiente, é estratégias para promover uma discussão, provocar o debate dos problemas conflitantes, são formas que auxiliam os defensores do meio ambiente.

Podemos observar nos versos deste folheto de cordel a estreita relação do narrador com o seu público, onde o poeta, com sua enorme capacidade de síntese, consegue transpor para o papel uma importante mensagem relativa à preservação do meio ambiente. Percebe-se que o discurso do poeta provoca no leitor um sentimento de que ele é alguém que conhece profundamente o assunto e vive essa realidade e luta por ela, ele dialoga com o leitor como se este estivesse presente no momento da leitura, observa-se que o poeta se utiliza de várias técnicas de persuasão e convencimento para que o leitor acate a idéia proposta.

Para Manoel Monteiro, cada um de nós tem uma parcela de responsabilidade nesse conjunto de coisas, mas, como não podemos resolver tudo de uma só vez, que tal começarmos a dar a nossa contribuição no dia-a-dia?

Alguns trechos selecionados para análise:

Estrofe 1

O homem está destruindo
 O mar, a terra e os lagos,
 Os rios sofrem estragos
 Das matas se consumindo
 O ar vai se consumindo
 Não se renova, empobrece,
 A temperatura cresce
 E ao mundo sufocará.
 - Em breve o homem terá
 O castigo que merece.

Nesta estrofe, Manoel Monteiro mostra que quando o assunto é a degradação do meio ambiente, problemas climáticos, efeito estufa, aquecimento global ou espécies em extinção, é difícil não pensar nos hábitos humanos e em seu modo de vida descuidado em relação ao seu habitat de tal forma que, um dia esses recursos

se acabarão e, ai, talvez, o homem se arrependa de suas ações predatórias, mas será muito tarde.

Nessa ótica, o poeta se mostra como um educador ambiental, visto que a preocupação com o meio ambiente está se tornando cada vez mais urgente e necessária para toda a humanidade, pois o futuro depende da relação entre a natureza e o homem isso demonstra a necessidade de as pessoas que atuam na sociedade envolvam-se nestas preocupações do poeta.

Estrofe 2

Folha verde purifica
 O gás carbônico do ar
 Igual pulmão a filtrar
 O ar que nos tonifica,
 Sem floresta a terra fica
 Deveras comprometida
 Se até a galha partida
 E as folhas que caem no chão
 Das árvores têm o condão
 De transformar pó em vida.



O poeta mostra a importância da flora para a sobrevivência de todas as espécies que habitam o planeta. As flores contribuem para que a humanidade tenha um ar limpo e purificado e que ela por si só renova dando vida nova ao planeta. No poema, podemos conhecer as principais espécies que floream nosso sertão com suas cores nem sempre verdes, mas que com suas flores deixam nosso torrão bem mais belo.

Estrofe 6

O meu avô não sabia
 Por isso ensinou errado
 Meu pai fazer roçado
 Do jeito que não devia;

Pra começar abatia
 As árvores que encontrava
 Fazia aceiro e juntava
 Folhagem, graveto e vara
 Depois queimava a coivara
 E o campo “limpo” ficava.

As queimadas são incêndios propositais, provocados pelo homem, para eliminar a vegetação de um terreno para a utilização em agricultura ou pasto. As queimadas prejudicam o solo e destroem os habitats dos animais

O poema relata a questão das queimadas, dos desmatamentos e de maneira essas práticas prejudicam a produção agrícola, ele afirma essa prática de plantio era bastante prejudicial ao solo, uma vez que a naturalmente a natureza renova-se e enriquece a terra por seus próprios meios. Segundo o poeta, as pessoas praticavam essa ação predatória, naquela época, por inocência, porém, hoje os meios de comunicação vivem o tempo todo informando, explicando sobre a consequência dessas ações, mas a população continua, indiscriminadamente, praticando-as, mesmo consciente do perigo.

Estrofe 7

Agindo assim, sem saber,
 Estava agredindo o solo
 Já que a terra dá colo
 Pra folhagem apodrecer
 E desse modo obter
 O úmus naturalmente,
 Sem adubo e sem semente
 Com a crosta calcinada
 A terra fica privada De ter vida novamente.

Muito se fala sobre os perigos a que o ser humano vem submetendo o meio ambiente, mas infelizmente parece que todas as vozes que se levantam no mundo não são suficientes para fazer-se ouvir, pois as atitudes dos homens

ainda são de destruição em larga escala, desmatamento, exploração desmedida dos recursos naturais, desleixo com o lixo que produz etc. A natureza sempre faz a sua parte de forma eficiente e de acordo com as leis de causa e efeito, sendo assim alguns olhos mais atentos do mundo vem prestado atenção aos pequenos sinais da natureza, porém muito importantes, pois todos sabem que os seres vivos dependem uns dos outros e constituem a biodiversidade que nos garante qualidade de vida.

Estrofe 15

O autor faz aqui uma crítica aos bilhões que são gastos em pesquisas espaciais, viagens a marte e lua, buscando o desconhecido dos planetas, quando o homem não conhece boa parte da terra que habita.

Estrofe 16

O que é Maperoá?
 Guáiacó, Capureúba,
 Abricoiteiro, Umbaúba,
 Campeche, Caaopiá,
 De Acapu, Pindaíba
 Guiné e Guapicoiba
 Já ouviu falar por alguém?
 Esses “trens” da Paraíba.

Nesses versos o poeta cordelista trabalha com base nos diversos tipos de plantas que são típicas da Paraíba e que estão desaparecendo, quando o poeta pergunta: *Já ouviu falar por alguém?/ “Esses “trens” da Paraíba.* Ele quer enfatizar que as pessoas nem sabem mais sequer os nomes dessas plantas.

Manoel Monteiro, nesse e em outros versos seguintes, faz uma leitura do meio ambiente de forma invejável, relata os tipos de vegetação da paisagem natural e descreve com sua poesia inconfundível todo o panorama criando pela natureza em relação às adversidades do clima e do solo. O discurso ecológico relata como o cordel pode contribuir na propagação da idéia de preservação da flora e fauna.

Estrofes 24, 25 e 26

Nessas estrofes fazem-se referências ao Pau-Brasil, da sua riqueza, tanto na fabricação de perfume, do uso da extração de tinta vermelha, da comercialização da madeira e mostrando que se chegou quase a sua total extinção com a pirataria, sugerindo que para a sua preservação seria interessante o replantio da espécie.

Estrofe 30

Nunca mais vi a beleza
Do colibri multicolor
Bailando de flor em flor
Com arte, graça e leveza
Ajudando a natureza
Polinizar os pistilos
E ensinando os estilos
Dos seus vôos verticais,
Beija-flor mais
Aos nossos campos tranquilos.



Nessa estrofe e algumas seguintes, é fantástica a forma como ele se refere aos animais da fauna nordestina e a beleza que eles nos brindam com suas plumagens e cores das mais variadas. E nos devaneios do poeta podemos participar de uma assembléia onde os animais discorrem acerca de como nós homens estamos os tratando, segundo as rimas do autor, todas as mazelas sociais e morais que somos portadores transferimos aos mesmos.

Nos versos 31 e 32, Manoel Monteiro traça um perfil de cada animal que ali se faz presente e suas angústias em relação ao comportamento do homem diante das questões ligadas ao meio ambiente.

Dessa forma, podemos conhecer as principais espécies que floream nosso sertão com suas cores nem sempre verdes, mais que com suas flores deixam nosso torrão bem mais belo.

O poeta termina seu cordel fazendo um convite às pessoas para ser cidadão e, como tal cuidar do meio ambiente que o Brasil agradecerá.

Quem quiser ser cidadão
 E disso se orgulhar
 Se acostume preservar
 O ar, as águas e o chão,
 As matas que aqui estão,
 Bicho da terra e alado
 E então lhe será dado
 Mais do que tem recebido
 E o Brasil agradecido
 Dirá-lhe: MUITO OBRIGADO.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A força do cordel é presente nas homenagens que os cordelistas recebem pelos relevantes serviços prestados não apenas a cultura, mas, sobretudo, a sociedade como um todo, com seus trabalhos que recebem o reconhecimento não apenas local, mas também todo o Brasil.

Existe por parte dos cordelistas uma preocupação em retratar as questões ambientais do semiárido brasileiro, em diversos momentos aparece de forma bem clara nas suas rimas. Manoel Monteiro faz referências à flora e a fauna do Brasil, as suas espécies quando em bela poesia faz uma definição acerca da beleza das plantas aqui existentes e vai mais além, na mesma poesia ainda nos faz vislumbrar através de sua pena as paisagens naturais que nos proporcionam encher os olhos com suas definições.

Por tudo isso, podemos refletir, que a literatura de cordel, que é um instrumento popular e que a mesma trata dos assuntos que interessam ao povo. E quando é feito pelo alunado o mesmo refere-se sobre assuntos do seu cotidiano. Expressando assim sentimentos e aperfeiçoando metodologicamente sua percepção, sua escrita e a sua oralidade. Além de quebrar barreiras,

conscientizando-os sobre o processo devastador que vem sofrendo o meio ambiente.

Os cordelistas já deram sua parcela de contribuição, preocupados que estão com as questões ambientais, agora cabe aos professores e as escolas inserirem o cordel como instrumento de educação ambiental, tanto nas séries iniciais como no ensino fundamental e médio, tantos nas disciplinas correlatas, língua e literatura como nos temas transversais, ética e sociedade, na área das ciências naturais e meio ambiente. Assim é o que prevê os Parâmetros Curriculares nacionais.

ABSTRACT

The proposed work focuses on an analytical nature, whose object of study refers mainly to the cordel literature, which can be considered a powerful means of communication, information and awareness, as in the past, somehow it reached to have more acceptance than the actual printed newspaper. To this study will be fomented historical data that will simultaneously support the research. The theoretical foundation is based on the example of authors Galvão 2001 Kunz, 2001 Meira 1998 among others and in the cordel work of the poet Manoel Monteiro, *Salvem a Fauna! Salvem a Flora! Salvem as águas do Brasil!* (Save the Wildlife! Save the Plant! Save the waters of Brazil!) In which the author seeks to raise awareness through the problem of the destruction of the planet by human action. The work itself seeks to avail of a personal, social and educational informative bias.

Keywords: Cordel Literature. Awareness. Environment.

1. Graduating in Full Degree in Letters – Portuguese. State University of Paraíba.

6 REFERÊNCIAS

DOURADO, Gustavo. **Cordel:** do sertão nordestino à contemporaneidade da Internet.

<<http://www.gustavodourado.com.br/Cordeldosertao Nordestino a contemporaneidade da Internet.htm>>. Acesso em: 08/05/2013, 16h40min50seg.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

KUNZ, Martine. **Cordel: A voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará. Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

LUYTEN, Joseph M. **A Notícia na Literatura de Cordel** (SP, Estação Liberdade, 1992).

MEIRA, Tatiana. **Arte popular do cordel abraça novas tecnologias**. Jornal do Comércio, Recife/PE, publicado no dia 21 de janeiro, 1998.

PINHEIRO, Helder. **O Cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Dilsom Barros da; BARBOSA, Vilma de Lourdes. **A Literatura de Cordel no ensino de Geografia**. Disponível em:

<<http://www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex/extensao/documentos/anais/2.CULTURA/2CEDMEOUT01.pdf>> Acesso em: 08/05/2013, 18h50min10seg.